

público e dos próprios músicos, a obra de Mahler vem sendo reconhecida como uma das manifestações mais importantes e autênticas da complexidade do ser humano. É nela que nos vemos: seja aquilo que nos enobrece e exalta, seja no que nos envergonha ou deprime. É nela que o ser humano se transforma em música e a música se torna profundamente humana. É nela que gloriosamente ressuscitamos e tragicamente sucumbimos. Ela é fonte dos mais profundos questionamentos e das mais nítidas soluções. É nela que descobrimos a semente da vida e a inevitabilidade da morte. Enfim, é através dela que definimos o que seja amor.

E é exatamente como uma declaração aberta de amor que surge o livro de Arnoldo Liberman, *Gustav Mahler: um coração angustiado*. Mais do que uma biografia ou uma análise técnica, o autor busca justificar Mahler como figura de sua época e, ao mesmo tempo, explicar a história através de sua obra. Época de transformação (decadência diriam alguns), esse período se mostrou extremamente fértil do ponto de vista artístico, e talvez nenhum outro artista contemporâneo tenha conseguido simbolizar a turbulenta passagem das décadas que encerram o século XIX e iniciam o XX com as transformações sociais e políticas que iriam desembocar na Primeira Grande Guerra.

Para o amante da música ou qualquer leitor interessado, este livro representa uma importante adição a um repertório ainda bastante limitado de traduções em língua portuguesa no campo da música erudita e uma colaboração extraordinária para um melhor entendimento dessa personalidade multifacetada que foi Gustav Mahler.

Fábio Mechetti

Diretor musical e regente titular da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais

“...a alegria de fazer música pode ser, como em Mahler, uma dor sempre jovem. Que quando em sua música o sublime canta em meio a um tropel de banalidades, quando o metafísico se insinua em meio ao profano, quando o popular assoma entre os acordes de uma angústia controlada pela perfeita elaboração orquestral, é ali mesmo onde sabemos – sabemos do verbo ‘saber’, de ‘sabedoria’ – que esse homenzinho paciente e impaciente, desolado e feroso, terrível e doce, desamparado e glorioso, pleno de fervor e débil é o mais notável protagonista dos temores, das ansiedades e dos triunfos do homem no século XX. E, se isso não bastasse, a desassossegada relação de Mahler com a sexualidade e a morte seria suficiente testemunho de que nos encontramos diante de um irmão, diante de um contemporâneo de nossos próprios medos e de nossos próprios sobressaltos.”

Arnoldo Liberman nasceu em 1933, em Concepción del Uruguay, na Argentina. É médico e trabalha com orientação psicanalítica. É também ensaísta sobre temas literários (Machado, Kafka, Mahler, Chagall, Sábato, Miguel Hernández, Charles Chaplin) e poeta, além de ter produzido ensaios sobre experiências comunitárias, psicoterapias grupais e problemática da identidade. É colaborador dos *Cuadernos Hispanoamericanos* e da revista de crítica literária *Nueva Estafeta*, ambos editados em Madri, onde mora atualmente. Em novembro de 1981, Liberman recebeu a menção honrosa do Prêmio Jano Medicina e Humanidades (Barcelona), com o Primeiro movimento deste livro sobre Gustav Mahler.

autêntica

www.autenticaeditora.com.br

0800 2831322

ISBN 978-85-7526-482-9



9 788575 264829

autêntica

GUSTAV MAHLER

Um coração angustiado

Arnoldo Liberman

autêntica



Arnoldo Liberman

GUSTAV MAHLER

Um coração angustiado

UMA BIOGRAFIA EM QUATRO MOVIMENTOS

Ainda adolescente, lembro-me vivamente do primeiro ciclo das sinfonias de Mahler executado pela Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo ainda na gestão do Maestro Eleazar de Carvalho. Já naquela época, embora totalmente imerso em música e tentando disfarçar a vontade enorme de um dia vir a ser regente, vi-me em direto conflito diante da genialidade e do profundo intimidamento que essa música arrebatadora vinha a causar. Nada até então havia estimulado em mim tamanha sensação de surpresa e incredulidade e, ao mesmo tempo, agitação e desespero quanto as gigantescas estruturas formais, as inesperadas progressões harmônicas, a orquestração tanto chocante quanto familiar, o paradoxo sempre presente do grito de dor e do conforto da alma, o hercúleo desafio da empreitada artística que é executar e escutar a música de Mahler.

Anos se passaram, e hoje, do outro lado da sala de concerto, tendo tido a oportunidade de dirigir várias vezes muitas de suas sinfonias e canções, confesso ainda o meu intimidamento diante de sua música. Executar Mahler é uma tarefa que exige total domínio técnico, aliado a um mergulho emocional que nos leva, músico e plateia, a viver uma das mais singulares experiências humanas. A cada execução ou audição aumentam o nosso respeito, a nossa admiração extraordinária, o nosso profundo sentimento de humildade diante de obra tão genial. Não só o fato de suas obras frequentarem as séries de quase todas as orquestras internacionais, mas também a acolhida recebida por um público cada vez mais crescente solidificam a figura do grande compositor romântico como um dos maiores nomes da música universal.

Entretanto, isso não foi sempre assim. Depois de uma difícil e tardia conquista do